

DASartes.

ARTES VISUAIS EM REVISTA



FARNESE DE ANDRADE

JOSÉ SPANIOL

NIPO-BRASILEIROS

PÓS-IMPRESSIONISTAS

LOUISE KANEFUKU

DASartes.

DIRETORA
Liege Gonzalez Jung

CONSELHO
EDITORIAL
Agnaldo Farias
Artur Lescher
Guilherme Bueno
Marcelo Campos
Vanda Klabin

PRODUÇÃO
André Fabro

PUBLICIDADE
publicidade@dasartes.com

SUGESTÕES E CONTATO
dasartes@dasartes.com

APOIE A DASARTES
Seja um amigo Dasartes
em recorrente.benfeitoria.com/dasartesdigital

Doe ou patrocine
pelas leis de incentivo
Rouanet, ISS ou ICMS/RJ.



Capas: Farnese de Andrade, Sem título, 1982 (frente) e A Grande Buceta (contracapa).



Primeira e última páginas: detalhes de Vincent Van Gogh, A italiana, 1887 © Musée d'Orsay - RMN-Grand Palais / Patrice Schmidt.

ARTISTAS DE
DESCENDÊNCIA
JAPONESA **10**

FARNESE DE
ANDRADE **26**

04 De arte a z

08 Outras
notas

40 Livros

42 Resenhas

58 Notas do
mercado

60 Coluna do
meio

62 Alto-falante

JOSÉ
SPANIOL **32**

LOUISE
KANEFUKU **46**

PÓS-
IMPRESSIONISTAS **52**



DE ARTE A Z

Notas do circuito de arte



BUENOS AIRES TERÁ BIENAL DE ARTE

A Bienal de Arte Contemporânea de Buenos Aires terá sua primeira edição em 2017, no Centro Cultural Kirchner. De acordo com o diretor Anibal Jozami, o objetivo é promover a visualização dos artistas da região dentro do contexto da produção de ponta da arte internacional. Um dos artistas cotados para a escalação é Tomás Saraceno, que planeja uma grande instalação no local (foto).



PRÊMIO FOCO BRADESCO ARTRIO

Inscrições até 30/7

O Prêmio FOCO Bradesco ArtRio está recebendo inscrições de artistas com até 15 anos de carreira, que queiram concorrer a residências no Brasil e no México e expor seus trabalhos na feira. Saiba mais em www.artrio.art.br. Abertas até o final de julho.



RICALDE EM BIENAL DAS MULHERES

Em exposição em Madrid

Rosana Ricalde foi uma das artistas selecionadas pela bienal espanhola Mirada de Mujeres. A obra "Recuerdos de Penélope y Serazade", comissionada pela curadora Mariana Bretas, fica em exposição até 20 de maio, na galeria Blanca Soto.



TIAGO CURIONI VENCE PRÊMIO DE DESIGN

Banco Angel é laureado

O artista e designer Tiago Curioni, representado pela galeria Nicoli, ganhou o prêmio Bronze na categoria de mobiliário urbano do A'Design Awards 2016 com o banco Angel. O móvel é composto de três camadas de Staron e será produzido em série limitada de 12 exemplares.

NÍVEIS TÓXICOS DE FORMOL EM MOSTRA DE DAMIEN HIRST

Artigo científico publicado recentemente revelou que a quantidade de formol no ar durante a mostra de Damien Hirst no Tate em 2012 excedeu os limites considerados saudáveis pela regulamentação europeia. O composto químico foi usado em obras como "Mãe e filho divididos", que traziam partes de uma vaca e bezerro em quatro tanques cheios com a substância. Hirst declarou estar surpreso com o achado e a diretoria do Tate questionou o propósito da pesquisa, já que não constatou nenhuma reação ao formol por parte de visitantes ou funcionários.



EXPOS BRASILEIRAS ENTRE AS MAIS VISITADAS

Lista inclui CCBB, MON e outros

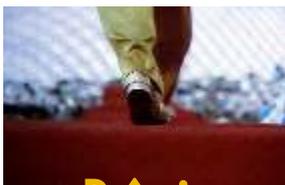
O ranking das exposições mais visitadas do mundo em 2015, de acordo com o "The Art Newspaper", tem nada menos que nove exposições do Museu Oscar Niemeyer (Curitiba). No entanto, a instituição brasileira mais bem colocada é, como esperado, o CCBB, com a mostra "Picasso e a Modernidade Espanhola" em 10º lugar (leia sobre a mostra na Dasartes 40, disponível em nosso site), logo seguida de "Kandinsky", em 12º lugar. Outras instituições brasileiras na lista são o Museu de Arte de São Paulo, o Instituto Tomie Ohtake (São Paulo), Museu Nacional do Conjunto Federal (Brasília) e a Pinacoteca do Estado de São Paulo. O primeiro lugar ficou com o National Palace Museum, da China.

GIRO NA CENA



Arte encontra teatro no SESC

SESC Pinheiros inaugurou em abril uma mostra que foca no rompimento das barreiras entre artes cênicas e visuais. "Desenhos de Cena #1", com curadoria de Aby Cohen, reúne instalações que se desdobram em performances por 16 artistas e profissionais do teatro e da cenografia de diversos países, como Antony Gormley, Chris Bierrenbach (foto) e Laura Vinci. Até 10/7.



Prêmio Marcantonio Vilaça

O Museu Histórico Nacional recebe obras dos vencedores do Prêmio, promovido pela CNI SESI SENAI: Berna Reale (foto), Gê Orthoff, Grupo Empreza, Nicolás Robbio e Virgínia de Medeiros. Paralelamente, expõe o projeto de Raphael Fonseca, um dos curadores premiados em 2015 e colaborador Dasartes. Até 12/6.

GIRO NA CENA



Novo Espaço Chico Lisboa

Duas exposições inauguraram o Espaço Cultural Chico Lisboa, em Porto Alegre: "Arte em pequenos formatos", com intervenções livres de 70 artistas em pequenas caixas de madeira, incluindo a de Leonardo Loureiro (foto), e "Lá Fora Outono", com obras de 13 artistas em diversos suportes e linguagens. Até 20/5.



Contra demissões na Escola Guignard

Com revogação da Lei 100, milhares de servidores públicos serão desligados no Estado de Minas Gerais, incluindo 23 professores da Escola Guignard. A mostra "Poética da Resistência", concebida por Lucia Palhano, reuniu 40 trabalhos desses profissionais na galeria cAsA - obras sobre papel, em Belo Horizonte, incluindo o de Sonia Assis (foto). Até 14/5.

POLÍCIA BUSCA PISTAS SOBRE CRANACH FALSO EM ROMANCE

O livro "Le Faussaire", do francês Jules François Ferrillon, está sendo estudado por investigadores franceses em busca de pistas para o caso da pintura de Cranach suspeita de ser falsa, de propriedade do príncipe de Lichtenstein. Publicado em junho de 2015, o livro conta, com detalhes estranhamente verossímeis, como um pintor criava telas de arte acadêmica e documentos falsos provando sua procedência a partir de recibos obtidos "da época em que saía com um marchand de antiguidades". As falsificações incluem "um Cranach vendido a um príncipe de um país dúbio da Europa". Semelhanças com a realidade são mera coincidência? Detalhe: o autor já trabalhou como marchand de arte e antiguidades.



VISTO POR AÍ

Piano pintado por Mark Bradford que toca música de Robert Glasper, o primeiro do programa de intervenções comissionadas pela fabricante de pianos Steinway.



DIAPYCN 4(2) | CAPOD'ESTATE | 2018 | 121-126

PAOLO RIBOLDI

ITALIANO

Da 12/05 a 19/06/2018
SIM Science, Curitiba, Brasil



SIM SCIENCE

A. Presidente Vargas, 100 A
Curitiba (Paraná) 81410-180
Tel. +55 31 3322 4018
simga.org.br
info@simozilab.com



INSCRIÇÕES PARA PRÊMIO MUNDIE DE FOTOGRAFIA

Prêmio aquisição de R\$5 mil a R\$20 mil

Fotógrafos profissionais e amadores podem se inscrever até 26 de junho no novo prêmio promovido pelo escritório de advocacia Mundie. Os cinco selecionados pelo júri, que inclui o curador Eder Chiodetto (foto: estúdio X+X), terão seus trabalhos adquiridos. Mais informações em mundie.com.br.



GRANDES MESTRES NO ESPAÇO PORTO SEGURO

Vivência de obras-primas em percurso

Como Michelangelo pintou a Capela Sistina? Quem são as pessoas sentadas ao lado de Jesus na “Última Ceia” de Da Vinci? A curiosidade sobre estas e outras obras primas levou público recorde ao Espaço Porto Seguro, que criou um percurso de vivência com réplicas e maquetes.

HOMENAGEM A LINA BO BARDI

O museu Stroom, na Haia, Holanda, propõe um mergulho na vida e obra da arquiteta brasileira Lina Bo Bardi. A mostra traz seis obras de artistas internacionais inspiradas em seu universo, além de desenhos, objetos, vídeos e fotografias. Até 3/7.



Glória Pires é Nise da Silveira

A psiquiatra alagoana Nise da Silveira e seu tratamento de doentes mentais por meio da arte é o tema do filme “Nise - O coração da loucura”, dirigido por Roberto Berliner e produzido por André Horta. O longa estreou em abril nos cinemas e traz Glória Pires no papel da revolucionária médica, que pregava a substituição do eletrochoque e lobotomia por terapias mais humanas. Emygdio de Barros e outros nomes conhecidos da arte do inconsciente aparecem na trama.



MARCOS BONISSON
"1978"

fotografia autoral contemporânea
estúdio de impressão fine art
laranjeiras, rio de janeiro, rj
(21) 3283.8000
contato@pandorapix.com
www.pandorapix.com

ANA CAROLINA FERNANDES
DANIELA DACORSO
EDU MONTEIRO
JOSÉ DINIZ
MARCELO CARRERA
PATRICIA GOUVÊA
RENAN CEPEDA
SHEILA OLIVEIRA
VINCENT CATALA





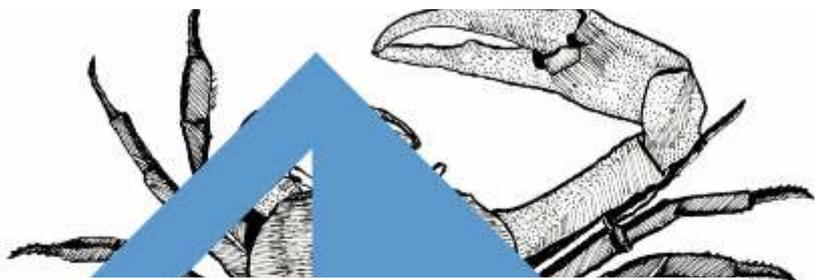
UM TRIBUTO A MARCEL

E AOS 114 ARTISTAS E CURADORES
QUE JÁ PASSARAM PELO CANALFMA

FMARTE.ORG
A SUA CONEXÃO COM A ARTE.



FUNDAÇÃO DE ARTE MARCEL AMARO



Bienal anuncia seleção final de artistas

Lista promete uma mostra menos chocante, mas com maior consistência e mais representativa da arte atual

POR LIEGE G. JUNG

Serão 81 artistas e coletivos de 33 países, com predominância de brasileiros, de jovens e - algo raro - de mulheres. O tema “Incenteza Viva” tenta ser aplicado de forma prática pelo curador Jochen Volz: “Estamos buscando compreender diversidades, olhar para o desconhecido e interrogar aquilo que tomamos como conhecido. Entendemos os diferentes saberes do nosso mundo com complementares e não como excludentes”.

O resultado é uma lista ampla de temas atuais, que inclui a discriminação de gêneros, meio-ambiente, política, racismo, memória e história. O time da curadoria é formado também por Gabi Ngcobo (África do Sul), Júlia Rebouças (Brasil), Lars Bang Larsen (Dinamarca) e Sofia Olascoaga (México), uma amostra da mistura internacional a ser

esperada. Entre os brasileiros estão Lais Mhyrra, Gilvan Samico, Bené Fonteles e Frans Krajcberg, que deve fazer uma grande instalação com árvores mortas. A maior parte dos trabalhos foi comissionada para a mostra.

De acordo com o presidente da Fundação Bienal, Luís Terepíns, esta edição tem número recorde de parcerias com outras instituições e agências de todo o mundo, que resultou em residências, em São Paulo e outras cidades, e dias de estudo no Chile, Gana, Perú e Cuiabá, com grande impacto no desdobramento da proposta curatorial. O resultado destas jornadas fará parte dos temas discutidos em um seminário internacional, que acontece dias 10 e 11 de junho no auditório da Fundação Bienal.

32a Bienal de São Paulo • 10/9 a 12/12



A DESCENDÊNCIA JAPONESA É A LINHA
QUE LIGA OS ARTISTAS DA MOSTRA
“OLHAR INCOMUM”

POR ROSEMEIRE ODAHARA
GRAÇA

De março a junho de 2016, o Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba, abriga a exposição "Olhar InComum: Japão revisitado". Composta por 76 criações de 21 artistas contemporâneos, esta mostra, segundo sua curadora, Michiko Okano, "traz o olhar dos nipo-brasileiros, que habitam o entre-espaço entre o Japão e o Brasil, dentro de uma compreensão da arte no Japão tradicional, antes da sua ocidentalização".

Para mostrar como esse conceito japonês de arte é mais amplo e distinto do ocidental, Okano selecionou obras de diferentes naturezas e técnicas. A abertura da exposição, por exemplo, foi marcada pelas performances de Futoshi Yoshizawa e Erika Kobayashi, que, em seus trabalhos, dialogam com as tradições da caligrafia japonesa e da cerimônia do chá, ambas entendidas como práticas de cunho estético-artísticas pelos orientais.

Os trabalhos que integram a mostra não fazem uma apologia ao Japão e às suas tradições. Cada um, à sua maneira, alude a aspectos da cultura japonesa (do passado ou do presente), por serem frutos de reflexões de artistas contemporâneos que mantêm uma



À esquerda: obra de Erica Kaminishi. Acima: Intervenção de Sandra Hiromoto.



“Elementos da tradição japonesa, como o Maneki Neko, as gueixas e o universo kawaii, estão presentes em algumas das obras”

relação de proximidade com aquele país e seu modo de existir.

O grupo de artistas expositores é composto por brasileiros (filhos e netos de japoneses) e por imigrantes da "Terra do Sol Nascente" que chegaram há pouco tempo ao Brasil. Okano explica que como muitos desses artistas "habitam o entre-espaço entre o Japão e o Brasil" e suas obras "recriam um Japão que não existe lá, um Japão revisitado só possível de emergir no Brasil".

O olhar particular de quem ora está imerso em uma cultura ora distante dela - e que por isso compreende os processos de criação e remodelação das imagens a ela relacionadas - é perceptível nos grafites de Atsuo Nakagawa, Erica Mizutani e Sandra Hiromoto. Atsuo e Sandra dialogam

com elementos da tradição japonesa que foram estereotipados como o "Maneki Neko" e as gueixas, enquanto Erica conversa com o universo "kawaii" (fofo, bonito) que ganhou o mundo por meio dos "mangás", "animes" e "games".

Diálogos com técnicas artísticas tradicionalmente relacionadas à cultura japonesa também se fazem presentes na exposição. Fernando Saiki explora as potencialidades visuais da xilogravura à base d'água. Marcelo Tokai, a resistência e beleza da cerâmica. Takako Nakayama e Yasushi Taniguchi, cada um a seu modo, ampliam as possibilidades de uso da laca e da placa metálica como base para pintura para além do universo decorativo. Julia Ishida, ao mesmo tempo em que se insere na refinada arte pictórica japonesa que tem por





tema a natureza, dela se distancia ao se aproximar em demasia do tema, mostrando similaridades entre o pétreo e o orgânico.

A fotografia, um modo de representação da realidade circundante tão apreciada pela sociedade japonesa, é mostrada nessa exposição de modo interessante e diferente do que normalmente se espera. Alline Nakamura justapõe registros fotográficos com gráficos. Tatewaki Nio faz captações visuais de cidade que beiram à abstração. Yukie Hori usa a fotografia e o vídeo para propor uma reflexão sobre a representação da natureza, em um diálogo direto com os trabalhos do pintor Hasegawa Tohaku (1539-1610) e do fotógrafo contemporâneo Hiroshi Sugimoto.

A instalação e o hibridismo entre as artes e linguagens estão bastante presentes nessa mostra. Erica Kaminishi e James Kudo, por meio de suas imagens e escritas individuais, ofertam uma reflexão sobre memória e identidade. Mai Fujimoto agrupa detalhes do entorno, construídos ou captados em momentos de

“O ponto alto da exposição é a sala especial "Nagoya", onde o visitante é levado a se sentar em balanços dispostos ao centro da sala e oscilar entre o Brasil e o Japão, o passado e o presente, a realidade e o estereótipo.”



introspecção e meditação. Alice Shintani e Cesar Fujimoto por meio de vídeo, pintura ou volumes fazem ponderações sobre premissas sociais em voga no mundo atual. Marta Matushita emoldura elementos da natureza em suas obras para falar de transitoriedade e transterritorialidade.

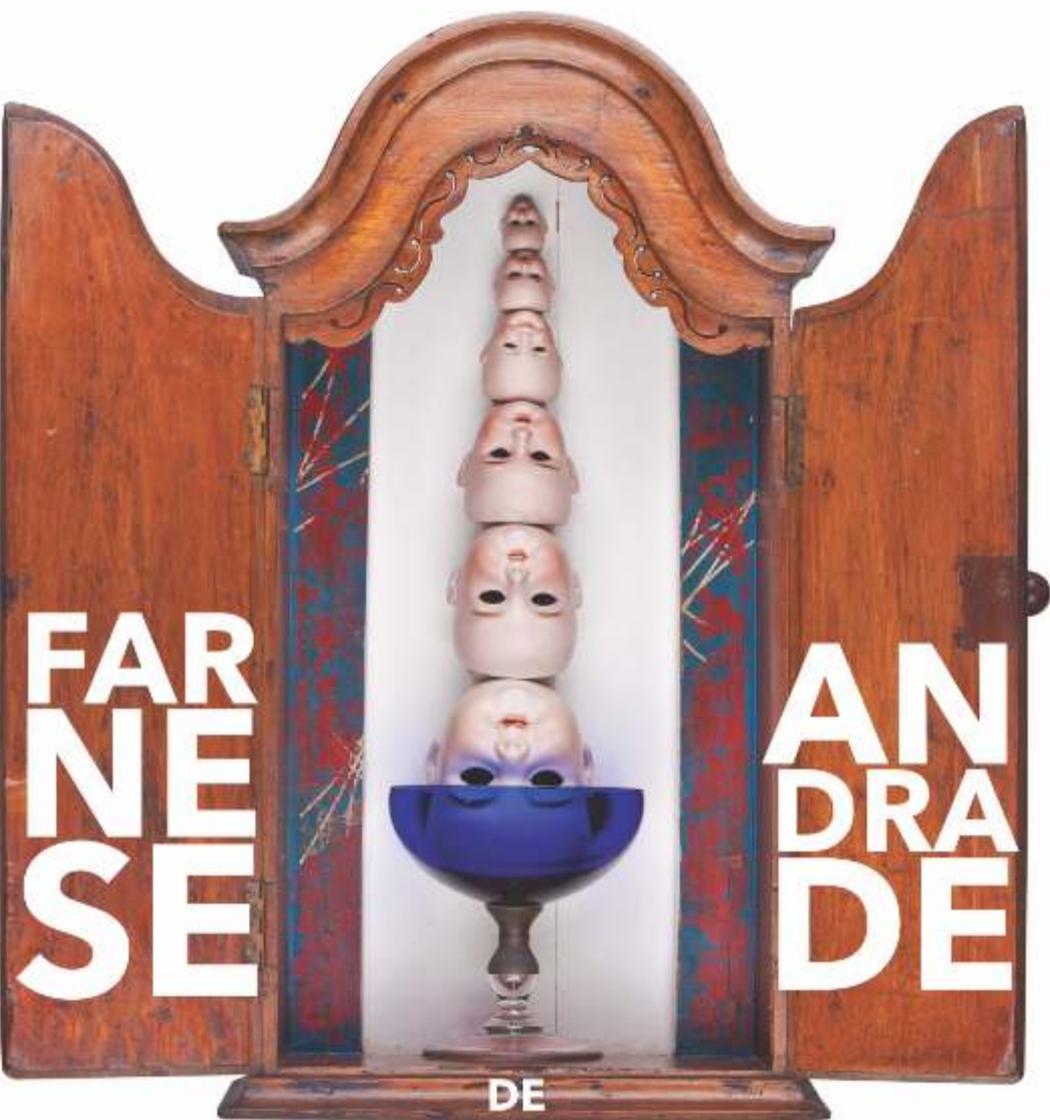
O ponto alto da exposição é a sala especial "Nagoya", composta por música de autoria e interpretação de Fernanda Takai, pintura de Sandra Hiromoto e poesia de Marília Kubota. Nela o visitante é levado a se sentar em um dos balanços dispostos ao centro da sala e oscilar entre o Brasil e o Japão, o passado e o presente, a realidade e o estereótipo.

A exposição está sendo realizada graças aos mecanismos de incentivos fiscais da Lei Federal de Incentivo à Cultura e tem seu potencial de diálogo cultural ampliado pela realização de mesas redondas, conversas e cursos com a curadora, os artistas e convidados, bem como pela oferta de visitas guiadas para grupos sociais de diferentes naturezas.

Olhar Incomum • Museu Oscar Niemeyer • Curitiba • 16/3 a 26/6



Rosemeire Odahara Graça é professora de História das Artes da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).



AS INSTÂNCIAS PRISIONEIRAS DO SER

RETROSPECTIVA COM MAIS DE 100 OBRAS DO ARTISTA MINEIRO PROPÕE UM PASSEIO POR TRÊS DÉCADAS DE SUA PRODUÇÃO

POR MARCUS DE LONTRA COSTA

O SER

Mas o que fazer, se toda a energia se revela numa série de imagens assustadas, mortes, misérias, pavores. E os olhos, perigosas testemunhas, cortam-te em pedaços, trapos de loucura.

O DESCONHECIDO

Mas o que fazer, se todo o pensamento se reprime numa sucessão de culpas e pavores, espelho do humano. E as bocas, perigosas testemunhas, reprimem a tua voz, fragmentos da lembrança.

O IMPULSO

Mas o que fazer, se toda a matéria explode como um dique reprimido, explosiva cascata de desejos.

E os corpos, perigosas testemunhas, torturam a tua geografia, farrapos da luxúria.

O ENCONTRO

Mas o que fazer, se todo o objeto se organiza na construção de uma nova realidade, carregada de beleza. E as almas, perigosas testemunhas, abraçam a sua história, pedaços de liberdade.





Desde o início da minha trajetória profissional, as obras de Farnese de Andrade me surpreendiam pelo seu caráter provocador que fazia florescer o drama e a comédia humana no esplendor de sua fantasia e de sua realidade miserável. Em meio ao domínio de uma produção hermética e racional, a obra de Farnese me provoca pelo seu apelo barroco, por sua humanidade, por sua coragem de articular as sensações íntimas e pessoais e projetá-las para uma dimensão maior, de caráter coletivo, desnudando a fragilidade de nossa espécie. Em 1986, para uma revista semanal, escrevi um pequeno texto sobre o artista e desde então passei a acompanhar, encantado, o percurso desse homem estranho, fascinante personagem, doce e cruel, espelho de sua própria obra.

“Aquele que cria e inventa é, também, o mesmo que controla, reprime, castra e determina os limites, transformando a experiência libertária em prática repressora. Farnese se alimenta desse caldo.”

Quando recebi o convite para ser curador de uma exposição sobre ele, confesso a minha alegria: esse era um plano que sempre quis realizar. Optei por uma mostra apenas com os objetos do artista, para reforçar as "instâncias prisioneiras do ser": a razão, a religião, o sexo e a arte. Todas elas são, na verdade, instâncias de libertação do ser. Entretanto, aquele que cria e inventa é, também, o mesmo que controla, reprime, castra e determina os limites, transformando a experiência libertária em prática repressora. Farnese se alimenta desse caldo, mergulha nesse terreno e explora, extrai, extirpa, excomunga, imagens contundentes, atirando pérolas aos porcos mas, por outras vezes, depositando afetos e carinhos nos seus irmãos assustados.

A EXPOSIÇÃO

"Eu vi em sua mão uma longa lança de ouro e, na ponta, o que parecia ser uma pequena chama. Ele parecia, para mim, estar lançando-a por vezes no meu

coração e perfurando minhas entranhas; quando ele a puxava de volta, parecia levá-las junto também, deixando-me inflamada com um grande amor de Deus. A dor era tão grande que me fazia gemer; e, apesar de ser tão avassaladora a doçura dessa dor excessiva, não conseguia desejar que ela acabasse...".

Santa Teresa D'Ávila

"Eu não sou Jesus de Nazaré, nem outro Deus criado pelos homens... Sou anterior aos deuses transitórios; eles dentro em mim nascem; dentro em mim duram; dentro em mim se transformam, dentro em mim se dissolvem (...). Chamo-me a Consciência, sou neste instante a sua própria Consciência refletida fora de ti...".
Eça de Queiroz, "A Relíquia"

No município espanhol de Alba de Tormes, há um sepulcro com as relíquias de Santa Teresa D'Ávila, a freira que, imbuída do misticismo cristão, escreveu textos que dramatizam visceralmente o seu contato com Deus. Duas das relíquias



chamam a atenção: os ossos do braço da santa escritora, vestido em uma espécie de armadura transparente, e o coração, colocado cuidadosamente em uma cápsula de vidro, protegido por uma estrutura ricamente decorada. Eram tempos de reforma religiosa e era fundamental para a Igreja que esses objetos representassem o caráter imortal e intangível de suas figuras santas. "Senhor, ou me deixe sofrer ou me deixe morrer", esse é o lema mortificante da Santa, traduzido na obra-prima de Bernini, "O Êxtase de Santa Teresa", talvez a mais impactante escultura do Barroco, que representa, de forma mágica, na substância rígida do mármore, o conflito entre o prazer carnal e espiritual de Santa Teresa em suas visões divinas. Quando os restos de um santo eram convertidos em relíquia, havia um sentido simbólico para essa ação, que era o de representar a sua incorruptibilidade, algo que Bernini tratou de desrespeitar.

A estratégia de Bernini justifica a ação de Farnese de Andrade, na qual as produções de objetos enaltecem e provocam as verdades da fé. Ao mesmo tempo em que tornam imortais as ideias de arte e de cultura nacional eles trazem consigo de maneira inteligentemente conflituosa a dessacralização desses conceitos. Mais ainda, eles são capazes de revelar segredos profundos da psique do artista, mas também persiste neles alguma coisa obscura, intransponível, misteriosa, permanente dialética.

As obras de Farnese articulam habilidosamente a tradição, seja barroca, romântica ou simbolista, com elementos regionalistas, populares, pessoais e mesmo com lições oriundas das chamadas vanguardas negativas, como o Dadaísmo e o Surrealismo. Suas obras são



Acima: Sem título. A Aranha Assassina, 1995. A direita: A Besta Humana.



confissões, que emergem das profundezas de uma alma que presta devoção a uma realidade artística nacional da qual ela própria foi por vezes excomungada, já que a sua essência contrasta com um projeto abstracionista, construtivo e de essência positivista, que imbuíu nossa arte durante décadas e ainda dá forma aos trabalhos de muitos artistas e dita o pensamento de uma parcela considerável da crítica acadêmica de arte.

Farnese dá continuidade às investigações de artistas que lançaram ou desdobraram conceitos como "objeto" e "assemblage", forjados, em grande parte, no lado obscuro do modernismo, do qual fazem parte nomes como Raoul Hausmann, Joseph Cornell, Jean Dubuffet e, mesmo, Marcel Duchamp.

Mas, se notamos nas obras de alguns desses artistas, em especial nas dos pertencentes ao círculo dadaísta, a veemente negação do sentido único, em Farnese detectam-se elementos narrativos e dados autobiográficos palpáveis, que remetem às cores e texturas da paisagem de Minas Gerais, aos oratórios do Barroco tropical dessa região, à tradição dos ex-votos do interior do Brasil, aos utensílios típicos do nosso país, como as gamelas, e à sexualidade, "mitológica" e conflituosa, do artista.

Seus objetos, além de relíquias dessacralizantes e "objetos" da tradição artística moderna e contemporânea, também podem ser vistos como peças de um gabinete de curiosidades existencial e penitente, que acolhe itens oriundos



não apenas de antiquários, de depósitos de madeiras de demolição e dos lixões urbanos, mas também das angústias, dúvidas pessoais e sentimentos contraditórios do próprio artista. Muitos de seus trabalhos, por exemplo, trazem restos de bonecas de plástico congeladas em blocos de resina ou de poliéster. Essas "crianças", "mutiladas" e "mortas", parecem representações das próprias castrações de Farnese - falecimentos simbolicamente intrauterinos. São passados e futuros não vividos, sentimentos negados, paixões destroçadas e vontades enclausuradas dentro de si próprio pelo artista. São vestígios e fantasmas de existências não concretizadas, memórias falsas, que sobrevivem apenas como visões ficcionais, muitas vezes grotescas, opressoras e dolorosas, mas igualmente sedutoras, já que seus materiais jogam com uma diversidade de substâncias, texturas e sensações, como nas melhores obras barrocas.

Acima: Homo 5, 1987.

“Entre as variadas leituras que a vasta produção de Farnese oferece, optou-se por uma permanência da figura humana em seus aspectos quase sempre tementes, tensos e tenebrosos.”

Entre as múltiplas e variadas leituras que a vasta e incrivelmente densa produção de Farnese de Andrade oferece a curadores e pesquisadores de arte, optou-se por uma permanência da figura humana em seus aspectos quase sempre tementes, tensos e tenebrosos. O Ser humano diante de seus fantasmas, de suas correntes prisioneiras, o sexo e a castração, a religião e a culpa, a vida e a violência, o equilíbrio da razão diante da vertigem da loucura. E, porque não, ou



talvez, como utopia e como desespero, quem sabe como redenção, a arte como exercício permanente de transgressão e liberdade. Assim, o conjunto de obras de Farnese se estrutura como um misterioso corredor de imagens conflituosas que dialogam a partir de uma sucessão de imagens recortadas e dobradas como fragmentos poéticos do pensamento do artista.

Em sua corajosa empreitada, Farnese foi responsável por abrir caminho para as obras viscerais e/ou românticas de uma geração de artistas que inclui Tunga, Leonilson, Ângelo Venosa e Adriana Varejão, todos eles nomes que trazem para a arte brasileira um apelo figurativo, simbólico e um grande vigor orgânico, elementos que sempre se mostraram fundamentais no pensamento e ação do artista. Muito mais do que meros espectadores, o confronto com obras da densidade poética de Farnese permite

que nos reencontremos com nossas próprias crises, neuroses e castrações. Poucos artistas são valentes ao ponto de abrir suas próprias entranhas emocionais, para que nela possamos encontrar não apenas sofrimento, mas também a possibilidade de expurgar as angústias individuais e, quem sabe, construir a partir daí o palco para uma curiosa e bela comunhão.

Farnese de Andrade - Arqueologia Existencial • Palácio das Artes - Fundação Clóvis Salgado • Belo Horizonte • 8/4 a 3/7

Marcus Lontra é curador e crítico de arte. Foi diretor da EAV Parque Lage e de diversos museus, incluindo MAM RJ e Brasília e MAMAM Recife. Em 2015, curou exposições sobre Amelia Toledo, Athos Bulcão e arte pernambucana, entre outras.





“Esse projeto começou a ser produzido em 2011 com desenhos e, em 2013, andando pela praia, comecei a criar onomatopeias com o som das ondas, que são os textos reproduzidos no chão da exposição e no áudio. Essas onomatopeias têm uma simbologia da chegada, do desembarque na areia. Essa voz de fundo com as palavras meio sem sentido cria uma sonoridade e ocupa o lugar do narrador, do contador de história.

Os bambus e os barcos dão essa ideia de instabilidade da sustentação no eixo vertical, tem que olhar para cima pra ver o trabalho. Os bambus criam um ritmo entre os barcos que sugere uma ideia de movimento, deslocamento, importante para mim em virtude das onomatopeias e essa ideia das ondas. E também a sensação de instabilidade, de risco de desabar ou entrar em colapso, leva a sedução ao observador.

Os barcos foram criados por mim, de forma metafísica, sem uma história de uso, sem estarem lavrados pela água ou com alguma caracterização de localização regional, já com uma ideia pronta de suspensão. Na verdade, são como esculturas com cara de barco, atemporais. Fisicamente, são dois barcos, mas, poeticamente, é um único barco em dois momentos sucessivos. A narrativa está cada vez mais presente em meu trabalho.”

“Os bambus criam um ritmo entre os barcos que sugere uma ideia de movimento, deslocamento, importante para mim por conta das onomatopeias e dessa ideia das ondas.”

TIAMM SCHUOOMM CASH!

Pinacoteca • 19/3 a 30/5





“Esse edifício dos anos 1940 tem projeto de Le Corbusier por Oscar Niemeyer, Reidy e outros. Uma característica famosa são as colunas que vão desde o lado de fora até o último andar do prédio, e as cortinas de vidro, que permitem enxergar o prédio de alto a baixo olhando de fora. Essas colunas são monumentais e emblemáticas, fazem parte da história desse edifício, assim como os afrescos de Portinari no auditório e o jardim de Burle Marx. A proposta era fazer uma articulação usando as colunas do prédio como objetos. Esse projeto foi desencadeado pela ocupação feita

no edifício do Centro Universitário Maria Antônia, em São Paulo, em 2002. Lá, intrigaram-me muito as seis colunas do prédio, pois não eram simétricas. Coloquei mais 30

colunas idênticas, feitas com gesso, usando como razão a ausência da simetria e o público não identificava quais eram as originais e quais as que coloquei. As colunas acabaram criando pontos cegos e a cada nova coluna que colocava, a sala ficava mais vazia. Elas destacavam o vazio e davam mais materialidade ao espaço.

No Rio, pintei as colunas criadas por mim de azul e as envolvi com plástico bolha. O azul as transformou em uma coisa marinha, oceânica, e o plástico bolha virou uma espécie de lâmpada, de vela. A luz incidia no plástico e o azul da coluna refletia na sala toda, um azulado

aquoso com sensação de liquidez. As palmeiras do jardim

também refletiam e passavam para dentro da sala, formando um rebatimento entre o espaço interno e externo, como uma complementaridade.”

“A luz incidia no plástico e o azul da coluna refletia na sala toda, um azulado aquoso com sensação de liquidez. As palmeiras do jardim também refletiam e passavam para dentro da sala.”

“Como os objetos ficam acima da linha dos olhos, as pessoas, primeiro olham para a água, veem o reflexo e depois descobrem os objetos lá em cima, que no reflexo parecem estar em sua posição normal, mas vêm de cabeça para baixo, com o céu azul de fundo.

Com esses objetos há uma ligação do interior, rural. São objetos encontrados na intimidade, no espaço de proteção, de recolhimento, e aqui eles estão em um espaço aberto. O parque é como um refúgio, então o trabalho cria esses vínculos de espaço aberto e fechado, espaço protegido e espaço público, agitação da cidade e recolhimento do parque.

Esse trabalho desencadeou outros, nos quais criei a essa materialidade do reflexo virtual concebendo objetos siameses, duplicados.”

“As pessoas, primeiro olham para a água e vêem o reflexo e depois descobrem os objetos lá em cima, que no reflexo parecem estar na sua posição normal.”



“À medida que caminhava e vivia o espaço do Mosteiro São Bento, percebia que a arquitetura religiosa do local tinha uma espécie de excuro, uma perspectiva. Ainda que lá fora haja uma praça, com camelôs, ambulantes, pessoas apressadas para chegar ao metrô, quando se entra no mosteiro, alguns minutos, uma hora depois, parece que estamos distantes da realidade. Essa arquitetura exige uma concentração e favorece uma interiorização, contrapondo a segurança interna e instabilidade externa.

Assim, lembrei-me de que esse nome, firmamento, é a designação do céu, da abóboda celeste, que por um lado significa seguro, sólido, estável, mas por outro lado isso dá nome a outra coisa que cai sobre a cabeça da gente. Fez pensar nessa série de instalações no eixo vertical em que usei como material escoras de eucalipto, algo muito ligado à cultura popular e ao repertório brasileiro.

Havia também uma série de objetos e móveis muito característicos do local, como

armários de madeira meio sombrios,

astérios, genoflexório e uma

almofada vermelha carmim que

serve de repouso para a Bíblia e

decidi escorar todos no teto

em três salas chamadas de

parlatórios. Essas três salas

têm uma narrativa, por

serem locais onde os

monges recebem os fiéis

para conversas e confissões

e são muito parecidas. As

salas continuaram com sua

rotina normal.”

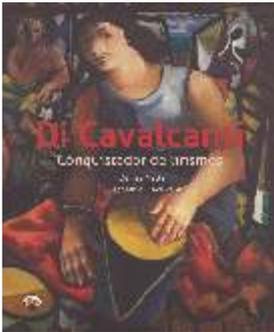
“Ainda que lá fora haja uma praça, com camelôs, ambulantes, pessoas apressadas para chegar ao metrô, quando se entra no mosteiro, parece que estamos distantes da realidade.”



Di Cavalcanti: Conquistador de lirismos

Denise Mattar, Elisabeth di Cavalcanti

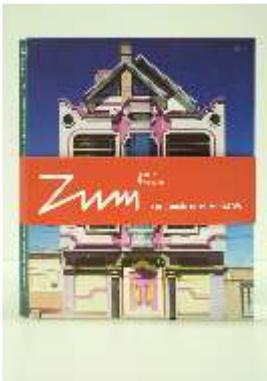
Capivara • 266 p. • R\$ 160,00



O livro avalia, por meio de 200 obras do artista, uma parte importante de sua produção, realizada entre 1925 e 1949. Denise Mattar, curadora da exposição homônima na galeria Almeida e Dale, analisa na introdução a trajetória do artista por meio de artigos publicados na imprensa, de nomes como Mário de Andrade e Menotti del Picchia. De acordo com Elisabeth Di Cavalcanti, no prefácio, “em vida, Di Cavalcanti quis reunir fatos de sua trajetória; de sua obra sem, no entanto, o conseguir. Di desconhecia disciplina, salvo quando se punha a criar”. Talvez por isto, apesar da rica produção do artista, com mais de nove mil obras, sejam poucas as publicações sobre ele.

Revista ZUM 10

Instituto Moreira Salles • 184 p. • R\$ 57,50



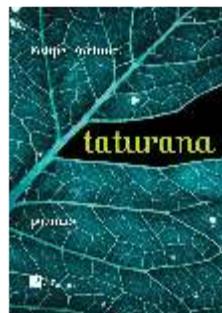
Esta edição comemorativa da revista especializada em fotografia de arte traz trabalhos do alemão Michael Wesely que refletem sobre as mudanças na Alemanha pós-muro, com foco na Potsdamer Platz de Berlim. Outros destaques são trabalhos de Odires Mlászho; os experimentos fotográficos de José Oiticica Filho; a íntegra da série "As irmãs Brown", de Nicholas Nixon; o trabalho crítico e "nonsense" do ucraniano Boris Mikhailov; a história dos cartões Shirley e os padrões raciais que regem a indústria visual; entre outros. Na capa, o fotógrafo japonês radicado no Brasil Tawewaki Nio registra curiosidades arquitetônicas de La Paz, Bolívia.

Taturana

Felipe Fortuna

Edições Pinakotheke • 116 p. • R\$ 42,00

Este é o sétimo livro do poeta e ensaísta Felipe Fortuna e o primeiro no campo da poesia visual. São 51 poemas que, “tal qual uma taturana, queimam, deixam marcas e são bonitos de ser ver.” Diferente da maior parte da poesia com foco na visualidade, Fortuna explora o humor, a política e o lirismo, os movimentos sociais e a questão ambiental. Algumas escolhas prestam homenagem a Augusto dos Anjos e Jorge Luís Borges.



Mariana

Christian Cravo

Apuena • 80 p. • R\$299,00 (com foto assinada em papel fine art)

O livro reúne fotografias feitas por Christian Cravo na cidade de Mariana-MG, após a ruptura da barragem da Samarco, que inundou a cidade de lama. São 33 registros dramáticos de objetos deixados para trás às pressas, narrativas de vidas radicalmente alteradas pelo inesperado e de uma memória que se perdeu com a tragédia. A edição limitada acompanha uma das fotografias impressas em papel "fine" arte e assinada pelo artista, pronta para emoldurar.



Rio, papel e lápis

Cássio Loredano

Instituto Moreira Salles • 156 p. • R\$ 89,90

O IMS encomendou a Cássio Loredano 61 desenhos sobre o Rio de Janeiro para comemorar os 450 anos da cidade. O resultado foi reunido em um livro, adicionado de pequenos textos da autoria de Loredano que misturam fatos históricos e afetivos. Os desenhos em grafite, nanquim, esferográfica e aquarela revelam um Rio pouco conhecido - da igreja de Nossa Senhora da Cabeça, escondida no Jardim Botânico, à ponte dos Jesuítas, em Santa Cruz - e lançam um novo olhar sobre o Centro.



Memorial Casa do Rio Vermelho

Salvador • mostra permanente
POR MARCELO CAMPOS

Um ensinamento para um museu brasileiro • É difícil capturar o prosaico dos dias: a conversa na cozinha, o encontro em torno da vitrola, as dores e preocupações que tiram o sono, as embriagantes noites de desejo sexual, o amor. Este prosaico cotidiano pode, ainda, ser costurado pela arte quando somos convidados a partilhar da intimidade de um casal, da história de amor entre personagens tão fundamentais e seus amigos artistas, músicos, literatos, líderes religiosos, atores, políticos.

Foram estes os desafios encontrados no projeto da família Amado para a organização da Casa do Rio Vermelho, casa pertencente ao casal Zélia Gattai e Jorge Amado que, desde 2014 está aberta à visitação. Ali, a arte os acompanhou em presentes e aquisições que sublinhavam uma relação de amor. Gravuras de Calasans Neto, pinturas de Carybé, Volpi, Picasso, escultura de Agnaldo dos Santos, ferramentas de Orixás forjadas por Mario Cravo ou por ferreiros locais, cerâmicas de Bordalo Pinheiro, entre tantos outros. Talvez, esta seja a mais bela casa do Brasil. Mantém o tom e a sinceridade dos construtores "descalços", parafraseando Johan van Lengen, que escreve sobre técnicas



construtivas populares. A Casa não apresenta pés direitos duplos das construções importadas de agora. Não há portas pivotantes, nem longas bancadas de mármore. Porém, também não parece uma casa parada no tempo. Ao contrário, a Casa do Rio Vermelho se mantém atenta a soluções estéticas coadunadas ao vivido dos dias, a belezas que o Brasil tem a nos oferecer. Há restos de azulejos de Udo Knoff que viram revestimentos, filtro azul celeste, móveis de alvenaria, cera vermelha no chão. Parece, como me disse um amigo, uma casa do sertão.

O projeto expográfico de Gringo Cardia mantém a sinceridade da casa, transformando-a, agora, num dos mais belos museus brasileiros. As regras de conservação e acondicionamento lá estão. A luz baixa, as vitrines, as cordas de segurança, o ar condicionado, as normas de acessibilidade que retiram as portas desobstruindo a passagem entre os ambientes. Observando por outro viés, a museologia se organiza de modo sutil, nos colocando com cuidado, como se adentrássemos com respeito e cerimônia numa casa particular. Lacra-se

o que deve ser lacrado, não nos é permitido sentar nos móveis. Criam-se cópias, para o que pode parecer com facilidade, como num dos mais pitorescos momentos da Casa, a cozinha, em que Dadá, a famosa chefe, oferece-nos depoimentos sobre o casal Jorge e Zélia e fica um longo tempo gargalhando. Nas minhas visitas a estes sítios que viraram museu, só vejo comparação da Casa do Rio Vermelho à Fundação Casa Grande (Memorial do homem Kariri) no Crato (CE).

O jardim, melhor seria dizer, o quintal, tem duas cabines de vídeo, ventiladas, claras, um ensinamento para as claustrofóbicas cabines da videoarte. E o vento e a brisa nordestina não cessam de balançar as folhas e nos refrescar, como se pudéssemos partilhar do tempo vivido por tudo o que está na casa. É o vento que nos coloca em consonância com a cultura material. Em uma das cabines, os depoimentos se ligam ao candomblé, religião da família e bandeira social que Jorge hasteou com afinco, contribuindo, inclusive, para a liberação do culto junto ao governo federal. Em outra cabine, vídeos com antropólogos, como Lilian Schwartz, estudantes, psicanalistas tratando de assuntos sérios para a compreensão do Brasil, como a infinidade de cores pelas quais os brasileiros se identificam. Em uma passagem pitoresca, a filha do casal, Paloma Amado, nos conta a visita do cineasta Roman Polanski à casa, narrada por sua mãe, Zélia, que não lembrava o nome do rapaz que o acompanhara. Na visita, o cineasta agradeceu a Jorge pelos momentos oníricos de leitura dos romances do baiano em sua juventude polonesa, comparando as relações tão próximas, naquelas épocas, entre Polónia

e Bahia. O tal amigo de Polanski, depois de todo relato, é lembrado por Zélia e tratava-se de Jack Nicholson.

Louças, mobiliários, camisas, gravatas, cartas de amor são o espólio do casal. Lamentamos, de algum modo, a impossibilidade de ver alguns originais, como o São Francisco de Volpi e outras obras leiloadas anteriormente. Pena não terem oferecido condições à família para serem consideradas patrimônio nacional. Mas, a história mais ampla da Casa, o enredo mais complexo sobre a vida brasileira e sobre o amor nos retira esta impressão.

Na Casa do Rio Vermelho, localizada à Rua Alagoinhas 33, curiosamente, não vemos os objetos com a empáfia museológica do Metropolitan, onde a grandiosidade e a suntuosidade dos saques e roubos de todo tipo nos gera, muitas vezes, a revolta e nos faz preferir a luz do sol nos pátios, onde nos sentamos e sentimos, imediatamente, a preguiça baiana. Ao contrário, no museu baiano, somos despertados pelo prosaico de uma penteadeira em frente à cama do casal, com projeções de desenhos de Carybé e narrações sobre amores e amantes retiradas dos romances de Jorge Amado, um comunista.



Marcelo Campos é Professor Adjunto do Dep. de Teoria e História da Arte e Coordenador da Pós-Graduação em Artes da UERJ. Professor da EAV Parque Lage. Curador independente.

Lasar Segall

Pinakothek • São Paulo • 17/4
a 28/5

POR LIEGE G. JUNG

Ao longo dos anos, a Pinakothek, em suas galerias de São Paulo e Rio de Janeiro, conquistou fama pelo primor das exposições, que vão além de meros eventos comerciais. Foram muitas, algumas responsáveis por resgates merecidos de artistas e movimentos históricos, como a grande retrospectiva de Wesley Duke Lee, em 2010, e a homenagem à mostra Opinião 65, em 2015. O próprio Lasar Segall já foi tema de duas exposições. A primeira delas, no casarão do Rio de Janeiro em 2007, foi vista por mais de 18 mil pessoas.

Lasar Segall retorna à Pinakothek, desta vez à sua sede paulista, com obras em diversos suportes. Como esperado, a montagem impecável joga luz sobre a vida do artista, trazendo ao espaço expositivo objetos de seu ateliê e um painel que conta sua trajetória com a ajuda de vídeos e imagens. O rico material permite ao visitante compreender melhor o contexto de seus trabalhos, sempre sóbrios e às vezes

sombrios, fruto de uma vida conturbada, marcada por perdas e dificuldades.

Uma das grandes perdas foi a do pai, que faleceu nos anos 1920, registrada na pintura monocromática "Vigília Fúnebre", uma das obras presentes. Em linha com sua personalidade contestadora, Segall distorce o costume judeu de ter apenas os homens se despedindo do falecido e insere as mulheres de sua família no velório, dando forma à dor de uma despedida que afetou a todos.

Os desenhos merecem atenção: são numerosos e feitos em diversos períodos de sua criação, permitindo ao visitante conhecer outras facetas do artista. Há alguns raros desenhos de nus femininos e casais, de tom erótico e linhas mais suaves e orgânicas, trabalhos poucos conhecidos, mas que se encaixam bem na evolução de seu estilo, que caminha de um figurativismo mais puro e quase expressionista para o moderno brasileiro. Segall, aliás, foi desprezado em seus primeiros anos no Brasil: sua primeira exposição por aqui aconteceu em 1913, muito antes da Semana de Arte Moderna, e causou estranheza, recebendo algum reconhecimento apenas depois de sua avaliação por nomes já respeitados, como Vinicius de Moraes e Mario de Andrade. Eventualmente, sua inegável qualidade como escultor, pintor, gravador e desenhista conquistou o público. Toda essa passagem pode ser visualizada no percurso da mostra, que presta merecida homenagem a esse artista completo.



Liege Gonzalez Jung é fundadora e diretora da Dasartes desde 2008.

Oswaldo Gaia



ROSA BARBOSA
ESCRITÓRIO DE ARTES

André Andrade | Guy Wilson | Helô Alcantara Machado | Marcos Borisson | Martin Lanezan | Oswaldo Gaia | Ricardo Hantschel | Rogério Assis | Thereza Salazar

www.rosabarbosa.com

escritoriodearterb@gmail.com
55 11 3662-3634 - São Paulo - Brasil



POR ELISA MAIA

"Estudo sobre a insônia" (2015) integra a série de desenhos de Louise Kanefu, na qual a artista aborda a experiência aparentemente banal, mas ao mesmo tempo intensa, para quem a conhece da incapacidade de adormecer. Os desenhos ricos em detalhes e de traços precisos que compõem a sequência são feitos a partir de fotografias da artista tiradas embaixo d'água. Com o apagamento do entorno, da água e da piscina, o corpo submerso aparece em suspenso no vazio, enfatizando a solidão característica dos momentos de insônia. "Quando coloco as figuras em um fundo vazio, quero tirar a importância sobre onde elas estão, indicar que o que importa são suas questões internas", conta.

A tranquilidade evocada pelas imagens se contrapõe à angústia que se intensifica nos momentos em que não é possível dormir. Nelas, o turbilhão de pensamentos e preocupações, que em geral mantém o insone em estado de vigília, converte-se em um ruído surdo, isolado e silenciado pelo vazio do fundo branco. "Para mim, os momentos de insônia são aqueles em que as crises existenciais se tornam mais intensas", diz a artista. Os desenhos de Louise se impõem pela beleza, pela leveza, pelo vazio e pelo silêncio. Nas suas imagens delicadas, a escassez de elementos, materiais e cores enriquece o trabalho, ilustrando o processo de transformação de ausência em potência.

“Para mim, os momentos de insônia são aqueles em que as crises existenciais se tornam mais intensas.”

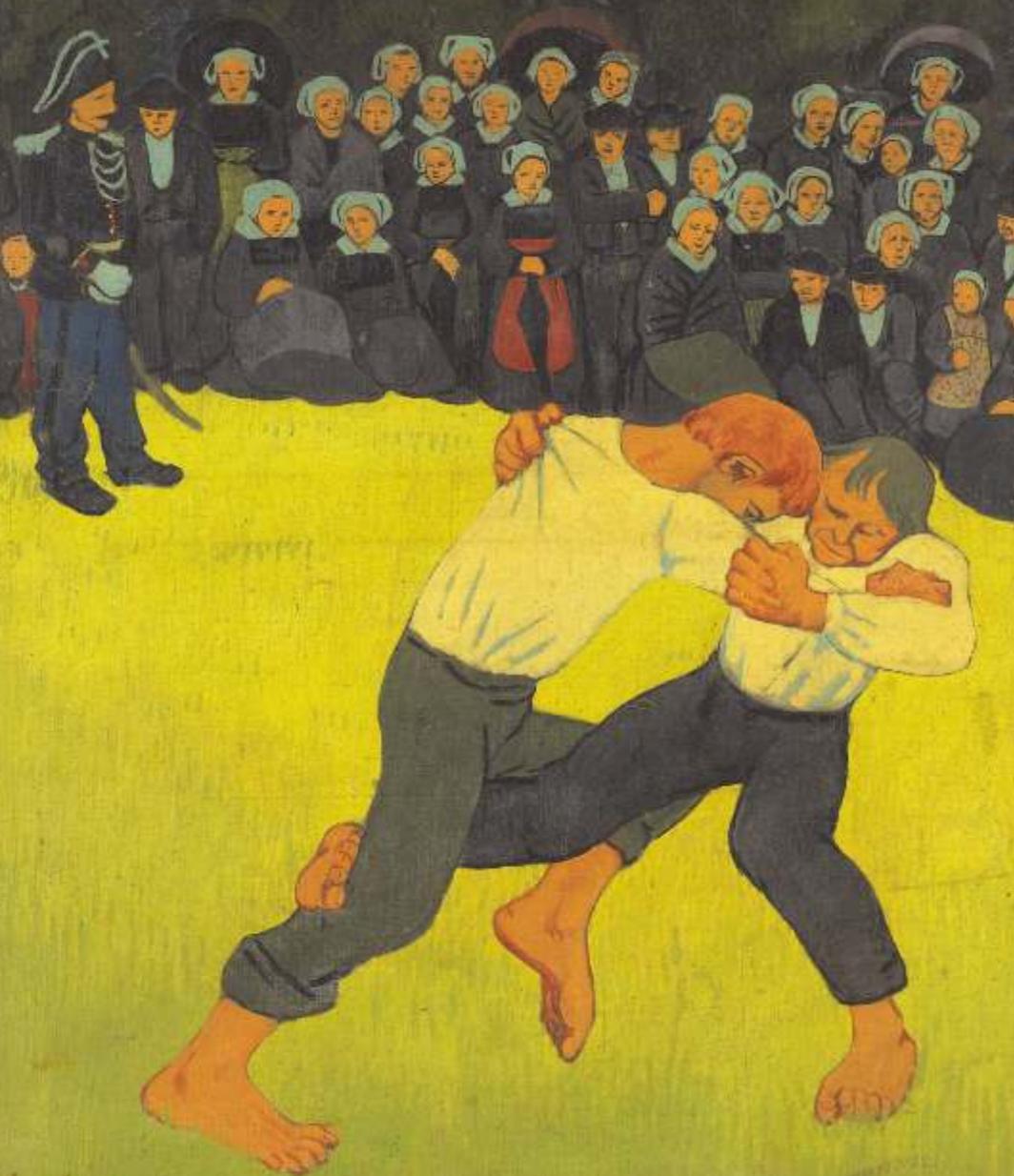


Louise, que trabalha como publicitária, encontra ainda na atividade de desenhar uma espécie de refúgio das demandas acachapantes do sistema produtivista - "como um ato de resistência a essa lógica, desenhar por dias em frente a um papel parece-me libertador." Nesse sentido, sono e desenho se aproximam como atividades que interrompem o ritmo incessante em que vivemos, estabelecendo pausas e impondo outras velocidades para nossa existência no mundo.



Elisa Maia é formada em direito e letras e mestre em literatura, cultura e contemporaneidade. Interessa-se especialmente pelas relações entre literatura e artes visuais.

O TRIUNFO DA COR



A NOVA MEGAEXPOSIÇÃO DO CCBB PARTE DA COR PARA REUNIR OS MESTRES DO PÓS-IMPRESSIONISMO

POR PABLO JIMÉNEZ BURILLO

Longe de sua função científica e espiritual, mas não completamente dissociada de uma ou de outra, durante os últimos anos do século 19, a cor caminha gradualmente para sua autonomia. Entre 1885 e 1900, um curto espaço de tempo de apenas 15 anos, houve uma aceleração da linguagem pictórica que acabou por oferecer uma nova maneira de se aproximar e olhar para o mundo. Na verdade, o pós-impressionismo foi caracterizado mais pela sua heterogeneidade e pelas experiências pessoais de seus protagonistas que, por ser um simples movimento, embora todas tenham coincidido no uso da cor como uma ferramenta expressiva, produto de uma experiência subjetiva.

Pensamos então em organizar uma exposição mostrando como essa nova forma de entender a cor marcou uma das estradas que, partindo do coração do século 19, nos leva às vanguardas da arte mais importantes do século 20: juntamente com nomes célebres da história da arte, como Van Gogh,

Gauguin, Seurat, Signac, Cézanne e Matisse, encontramos outros menos conhecidos, como Georges Lemmen ou Félix Vallotton, sempre com a intenção de apresentar esse período de efervescência criativa tão importante.

"A cor expressa algo por si só", declarou em 1885 Vincent Van Gogh, que, em contato com as investigações neoimpressionistas durante sua estada em Paris, abandonou a paleta escura e





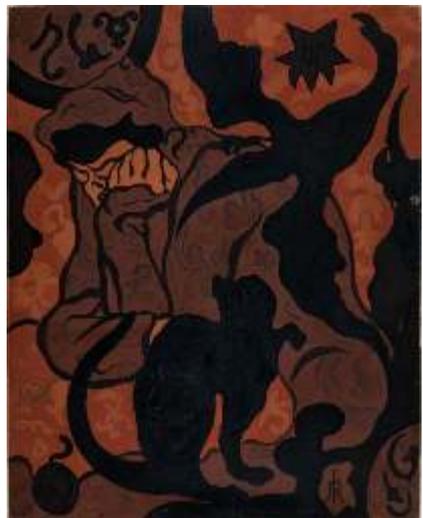
empastada do início para se concentrar nas cores brilhantes que caracterizam sua obra. Nesse sentido, Van Gogh nunca usou a estrutura científica que condicionou as investigações dos pintores mais "ortodoxos", como Seurat que, influenciado por estudos em torno da cor desenvolvidos pelo químico Chevreul e publicados nos anos 1860, criou a técnica pontilhista. Essa técnica, desenvolvida por Signac após a morte do cientista, consiste na justaposição de pontos e cor a fim de intensificar seu brilho, mas também se opôs, pelo uso de uma pincelada ordenada e racional, à espontaneidade das pinceladas impressionistas.

“Alguns artistas adotaram um estilo baseado em manchas de cor justapostas, cheias de luz, beirando a abstração.”

Durante esse período, em 1889, apareceu pela primeira vez o termo "Nabi" ou "profetas" na correspondência de um dos discípulos de Gauguin, Paul Sérusier. Naquela época, muitos dos artistas haviam se afastado da investigação científica sobre a cor, para entrar em sua dimensão simbólica, como pode ser visto em algumas das mais importantes obras de Gauguin, como "Mulheres do Tahiti".

Com o modelo de pintura de Gauguin e a influência de gravuras japonesas como base, alguns artistas, como Maurice Denis, Paul Ranson e Paul Sérusier adotaram um estilo baseado em manchas de cor justapostas, cheias de luz, beirando a abstração. Nessa busca pela liberdade, dada pela leitura de textos esotéricos e da Bíblia (Paul Ranson chega a se vestir de mago para presidir as reuniões, como visto na tela de Sérusier, "Paul Ranson vestido de Nabi", de 1890), parte dos Nabis caminha cada vez mais para a dimensão espiritual da pintura, enquanto a outra, como Vuillard ou Bonnard, baseia seu trabalho em cenas mais íntimas e cotidianas, em uma representação das complexas relações humanas.

No entanto, ainda que teóricos e críticos estudem todos esses grupos, no último terço do século 19 encontramos artistas que escapam aos seus limites: Matisse, com "seu amor pela beleza da cor", nas palavras de Signac, é certamente o mais original. No caso de Monet (também de Renoir), sua longevidade permitiu uma evolução por vezes inesperada, às vezes radical - como vemos no espaço já plenamente pictórico e, porque não dizer, abstrato, de "Chorão", presente na mostra. Cézanne, por sua vez, sempre manteve um diálogo com o impressionismo e pós-impressionismo,





mas de uma perspectiva pessoal que deveria tê-lo levado a fazer uma arte "como a dos museus", como ele desejava, e não o tornando um dos precursores da vanguarda como de fato foi.

Na primavera de 1900, Maurice Denis expôs no Salão da Société Nationale des Beaux-Arts um imponente retrato de grupo intitulado "Homenagem a Cézanne", onde vários artistas, como Ker-Xavier Roussel, Paul Serusier, Paul Ranson, Maurice Denis, Odilon Redon e Édouard Vuillard, espremeram-se ao redor do "marchand" Ambroise Vollard, postado atrás de um cavalete com uma natureza-morta de Paul Cézanne. Assim, Denis manifestou a dívida de todos eles com Cézanne, que se tornaria o pai da pintura moderna: a pintura não é um conjunto de elementos separados, todos



estão relacionados. Se a cor transforma seu conceito, o mesmo faz a linha e, com ela, a composição, a estrutura da obra. Cézanne nos mostrou isso em obras como "No parque de Chateau Noir", onde destacou a plenitude da paisagem, ainda que essa mantenha, em realidade, certa profundidade. Nessa pintura, cor e linearidade se entrelaçam como se fossem independentes de nosso olhar, mas, na maestria de Cézanne, nosso olhar está presente: cor e composição são e não são independentes do observador, uma ruptura que Cézanne tentava explicar em suas cartas e reflexões.

Como podemos ver, durante o último terço do século 19 e início do seguinte, a relação que temos com a imagem mudou, talvez porque a própria imagem tenha mudado, tornado-se independente dos

preconceitos que a alimentam na pintura tradicional e caminhado nas mãos de Cézanne, mas também nas de Monet, para a emancipação de si mesma e da cor, para se tornar pintura pura, abstração.

O Triunfo da Cor: o pós-impressionismo em obras-primas do Musée d'Orsay e do Musée de l'Orangerie • CCBB SP: 4/5 a 7/7 • RJ: 20/7 a 17/10



Pablo Jiménez Burillo é diretor cultural da Fundação Mapfre Vida, crítico e curador independente e colaborador cultural de diversos periódicos espanhóis.

NOTAS DO MERCADO

Fatos, valores, curiosidades e tendências

SP-ARTE

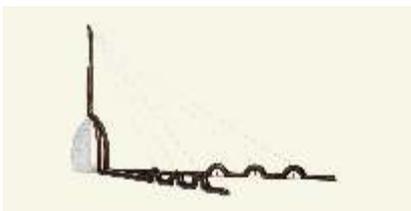
Agitou o mercado em abril e concentrou boa parte dos negócios do mês. O assunto mais falado nos corredores da feira foi o painel de Beatriz Milhazes, oferecido pela Dan Galeria, que, de acordo com rumores, foi vendido por R\$14 milhões a um dos sócios da Ambev. Dias mais tarde, outros rumores diziam que teria sido devolvido quando o comprador descobriu que a tela não era avulsa, mas parte de uma série de quatro painéis retratando as estações do ano. Na Simões de Assis, as vendas foram lideradas pelas telas de tamanho médio de Gonçalo Ivo (foto) a R\$90 mil e progressões de Palatnik a R\$250 mil. O painel de ex-votos que chamava atenção



no estande da Estação pertencera a Janete Costa, que os comprou um a um ao longo dos anos 1970 em igrejas do Nordeste. Achou comprador logo nos primeiros dias por R\$200 mil. Na Almeida e Dale, um bordado de Leonilson foi vendido por R\$1,5 milhão. De acordo com Luciana Sève, da Galeria Ipanema, obras de valores médios estavam tendo boa saída, enquanto as mais caras, especialmente as de artistas internacionais com tabela em dólar, tinham menor procura, apesar do interesse que atraíam.

GALERIAS NOVAS E CONTEMPORÂNEAS

também fizeram bons negócios na feira. As esculturas de Gaia (foto) fizeram sucesso no Escritório de Arte Rosa Barbosa, a maior parte delas vendida por R\$8 mil a R\$25 mil, e todas as edições de um múltiplo de mesa vendidas nos primeiros dias por R\$2.500. Na Mamute, as pinturas de Pablo Ferreti venderam bem e na Sergio Gonçalves, o maior movimento girou em torno de seu novo programa de múltiplos, para tornar as obras de seus artistas mais acessíveis. Entre as contemporâneas, Anita Schwartz fez boas vendas da nova série da UQ! Edições de Leonel Kaz: caixas-objeto de Wanda Pimentel a R\$50 mil. Nazareno foi um dos artistas mais procurados, com nove obras vendidas por Luciana Caravello e outras galerias nos primeiros dias. Poucas galerias mantiveram suas tabelas em dólares.



SORAIA CALS

volta a bater o martelo em uma disputa acirrada por uma obra de Bandeira. A primeira vez foi em março, como noticiado nesta seção na edição passada. Agora, a tela que estampou a capa do catálogo do leilão de abril volta a trazer um bom resultado para a casa, vendida por R\$1,25 milhão.



Channel your passion for Contemporary Art through Artprice



Auction records, upcoming auctions, artists' biographies, signatures, key figures and market trends, market place. All our subscriptions give an unlimited access to our databases and images.

Free download of "The Art Market in 2015" report on artprice.com

artprice.com™ THE WORLD LEADER IN ART MARKET INFORMATION

www.artprice.com | +33 (0) 472 421 706 | The Universe of Artprice on: web.artprice.com/video
Artprice.com is listed on Eurolist (SRD Long Only) by Euronext Paris (PRC 7478-ARTF)



COLUNA DO MEIO

Quem e onde no meio da arte



Marcos Chaves e Luciana Caravello



Márcio e Mara Fainzilber, e Luciana Caravello

Fotos Paulo Jabur



Franklin Pedroso e Arjan Martins

Exposição
Alexandre Mazza
Luciana Caravello
Rio de Janeiro



Sylvia Carolinne e Bruno Miguel



Daniel Lannes e Sol Azulay



Maria Carregosa, Alexandre Mazza e Afonso Tostes



Cássio Loredano, Júlia Kovensky, Camila Goulart e Paulo Roberto Pires



Sérgio Augusto, Jaguar e Paulo Garcez

Fotos Paulo Jabur



Carlos Vergara e Lucélia Santos

Millôr Obra
Gráfica
Instituto Moreira Salles
Rio de Janeiro



Renan Cepeda e Cássio Loredano



Camila Goulart, Daniel Jablonski e Tânia Chuek



Jaguar, Cássio Loredano e Ivan Fernandes

Fotos Paulo Jabur



Marcos Cardoso, Fernanda Lopes, Cláudia Noronha e Túlio Mariante



Ana Linnemann, Fernanda Lopes e Fernanda Gomes



Hugo Bianco, Fernanda Lopes e Lúcia Meneghini

Exposição
Ivens Machado
MAM Rio de
Janeiro



Maria Júlia Pinheiro, Sônia Andrade e Luiz Pizarro



Ângelo Venosa, Fernando Cochiarale e Sara Venosa



Mariana Rodrigues, Malu de Martino e Luiz Pizarro

Fotos Denise Andrade



Alexandre Roesler, Antonio Dias e Ricardo Kugelmas



Antonio Dias e amigos



Ella Cisneros e Fernanda Feitosa

Motra de Antônio
Dias e René Francisco
Galeria Nara Roesler
São Paulo



Paulo Sergio Duarte e Sergio Sister



Ella Cisneros, René Francisco e Nara Roesler



Alfredo Setubal e Nara Roesler

Fotos Paulo Jabur



Jozias Benedicto, Isabel Portella e Berna Reale



Rosana Palazyan, Isabel Portella e Marcos Chaves



Adriana Eu e Bernardo Mosqueira

Aquilo que nos une
Caixa Cultural
Rio de Janeiro



Marcus Lontra e Izabel Ferreira



Anderson Eleotério, Berna Reale e Raquel Silva



Renato Bezerra de Mello, Claudia Gamboa e Ney Salles

Fotos Marco Rodrigues



Beny Palatnik, Gabriela Moraes e Marcos Chaves



Ana Linnemann, Fernando Gerheim e Alessandra Vaghi



Marte Bjoerndal e José Damasceno

Exposição
Milton Machado
Galeria Nara
Roesler



Ronald Duarte e Angelo Venosa



Alexandre Dacosta, Carlos Zilio e Milton Machado



Antonio José, Patricia Aquino e Milton Machado

LASAR SEGALL

(1889-1957)

PINTURAS, DESENHOS
GRAVURAS E ESCULTURAS

17 de abril a 28 de maio
de 2016

segunda à sexta-feira,
das 10h às 18 horas
e aos sábados, das 10h
às 16 horas

P São Paulo
PINAKOTHEKE

Rua Ministro Nelson Hungria 200
05690-050 | Morumbi | São Paulo



Arte e Política em público

O Brasil enfrenta provavelmente a maior crise política de sua história como República. O processo do alegado "impeachment" presidencial obsessivamente perseguido por opositores do governo atual desde o dia seguinte às eleições que reconduziram a mandataria ao Alvorada¹ é finalmente levado a termo, contando ainda com amplo apoio da grande mídia e atuação no mínimo controversa de parte do poder Judiciário. Em jogo estará tudo menos a pertinência da alegação que pleiteia o impedimento da presidenta; apesar de diversas tentativas de legitimação da mesma, a espiral converge para o elementar, a disputa do poder pelo poder [e a lógica automática do fisiologismo abjeto que o alimenta], aproveitando-se do intenso desgaste do Partido dos Trabalhadores [e dos seus muitos deslizes], com um subtexto que pode incluir ainda as imensas reservas de petróleo do pré-sal que tanto interesse despertam em agentes externos². Não bastasse este tenso frígir dos ovos, o país atravessa também uma aguda crise econômica - certamente mais um determinante para o presente estado das coisas - e vê o germe da intolerância multiplicar-se na consolidação de um nunca visto projeto de ódio, disseminado de modo difuso e claramente incorporado em certa parcela da população. Um ódio de um esquematismo maniqueísta e unilateral, em sua faceta mais extremada, segundo me é informado por relatos diversos quase diários e por parte da chamada grande imprensa; quando por exemplo trajar peças ou adereços em vermelho nas ruas do Brasil tornou-se perigoso, mesmo que seja uma inocente camisa com a bandeira Suíça³. Aquela mesma parcela, talvez, que acredita que de fato "o problema da corrupção será resolvido" com o impedimento em curso, mesmo que tal processo seja conduzido por elementos com fichas corridas tenebrosas, e já há décadas.

Frente a este quadro, como tem se manifestado a classe artística? Ou antes, como têm percebido e se posicionado os agentes deste meio, no tocante a tal contexto? Como não podia deixar de ser, em termos gerais vê-se adeptos de ambas as vertentes; apoiadores do governo e os que defendem sua saída forçada, bem como aqueles que são "contra tudo" e os que não se manifestam abertamente. Nem podia ser diferente, já que falamos de gente, vivendo em uma democracia. A turma do teatro, historicamente mais organizada como classe, combativa e suscetível a movimentações ou causas de resistência (social, cultural, política), já organizou abaixo-assinados e movimentos de repúdio ao golpe - digo, "impeachment". No cinema houve iniciativas similares. Quanto às artes visuais, leia-se o meio da arte contemporânea brasileiro, bem, é sempre menos simples saber o que pensa este segmento a respeito deste tipo de tópico. Até porque, ao contrário dos colegas do teatro ou do cinema, neste meio a própria ideia de um sentido de *classe* é menos concreta.

No facebook, artistas visuais de todo o país se organizaram contra o pedido de impedimento, articulando coletivamente uma carta aberta de repúdio e a produção de material gráfico com mensagens condizentes. Por sua vez, em determinado momento Vik Muniz postou no Instagram uma imagem aérea de manifestantes pró-impeachment, sugerindo identificação com a causa, e lamentando a "corrosão da integridade democrática" no Brasil. Só que fez isso usando nada menos que a conta do MoMA, onde integrava um projeto; deslize ético que gerou polêmica e levou aquela instituição a ter que se pronunciar a respeito. Recente enquête realizada por uma revista com cerca de 20 artistas de diferentes searas e gerações em torno do momento político brasileiro corrobora a diversidade de opiniões neste circuito - ainda que, neste grupo de entrevistados, prevaleça uma franca maioria se posicionando contra o impeachment, em diferentes graus de adesão. Nomes como Fabio Tremonte e Sergio Sister afirmam-se contra o golpe, enquanto, de outro lado, Nelson Leirner e Berna Reale se colocam convictamente a favor desta movimentação. No caso desta última, aliás, uma nota: chama atenção sua sanha antigovernista e

“Cabe assinalar a quantidade de artistas que hesita em emitir publicamente suas impressões (ao menos no que se refere às redes sociais) a respeito do momento que o país enfrenta, preferindo se omitir.”

pró-impeachment, sobretudo por se tratar de artista - com uma ascensão meteórica nos últimos anos - cujo trabalho, marcadamente "político" num sentido mais epidérmico e imediato, não raro endereça questões que se intuem como [apesar de tudo] mais próximas de um governo dito "do povo", de tônica em programas sociais, do que aquele que se vislumbra num eventual cenário de afastamento da atual Chefe de Estado. Não é que o trabalho de um ou uma artista tenha que traduzir ou espelhar sua ideologia pessoal, mas neste caso parece haver um claro descompasso entre a prática artística e o discurso (público). Pergunto-me se a artista terá se incomodado ou expressado tanta indignação quando de sua participação na última edição da Bienal de Veneza, como uma das representantes do Brasil na Itália - integrando delegação que viajava, naturalmente, sob os auspícios do Minc.

De resto, cabe assinalar a quantidade de artistas que hesita em emitir publicamente suas impressões (ao menos no que se refere às redes sociais) a respeito do momento que o país enfrenta, preferindo se omitir. Naturalmente que todos têm pleno direito a gerir como bem entende a própria opinião, incluindo aí o silêncio ou o desinteresse em se pronunciar; mas por vezes intui-se outro fator por trás de tal postura cautelosa. Uma vez que, em geral, se detecta certa polarização no sentido de haver neste setor uma maioria de artistas questionando ou posicionando-se contra o processo de *impeachment* (o que não equivale necessariamente a defender o governo, não custa lembrar), enquanto que entre outros agentes do circuito como galeristas, curadores e colecionadores tal pendor é mais raro, em geral tendendo ao oposto, é difícil não conjecturar sobre o assunto. Assim, uma possível explicação popular para tal contenção - sobretudo quando implica não-adesão ao projeto de impeachment - assentaria no temor em ver como certos agentes em seu meio receberiam sua posição, temendo eventuais instâncias ou "contrapartidas" que poderiam comprometer sua imagem ou prejudicar a circulação de seu trabalho. O que seria, ainda que no território da mera especulação, lamentável, embora o tema seja debatido o suficiente na internet para sugerir certa procedência. De qualquer modo, como teria afirmado Hipócrates, "A vida é breve, a arte é longa, a ocasião é fugaz, a experiência é vacilante, e o julgamento é difícil". E a entidade da Política no Brasil cada vez mais se assemelha a uma ópera bufa, e bufante.

1. Os motivos apresentados já oscilaram inúmeras vezes; não porque abundem, mas aparentemente pela "inconsistência de ocasião" de tais clamores.
2. A este propósito, pode ser esclarecedor recordar as negociações iniciadas por certo senador [do PSDB] junto a autoridades e grandes executivos de uma poderosa empresa petrolífera norte-americana já há coisa de dois anos. Este mesmo senador propôs, mais recentemente, um projeto de lei para se implementar uma revisão nos termos de exploração do petróleo do pré-sal brasileiro, facilitando a coisa para corporações estrangeiras e prejudicando a Petrobras - e por conseguinte lesando a Nação.
3. Referência a episódio envolvendo alunos de uma escola em São Paulo, relatado na BBC Brasil.



Guy Amado é curador e crítico de arte independente. Atualmente, mora em Portugal e colabora com o Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura.

ALTO-FALANTE É UMA COLUNA DE OPINIÃO, COM LIBERDADE AOS AUTORES CONVIDADOS PARA SELEÇÃO DE SEU TEMA E PONTO DE VISTA. OS TEXTOS AQUI PUBLICADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DA DASARTES.



Lançada em 2008, a Dasartes é a primeira revista de artes visuais do Brasil desde os anos 1990. Em 2015, passou a ser digital, disponível mensalmente em seu aplicativo para tablets e celulares e no site dasartes.com.br, o portal de artes visuais mais visitado do Brasil.

Para ficar por dentro do mundo da arte, siga a Dasartes.



facebook.com/dasartes



@revistadasartes



@revistadasartes



Assine nossa newsletter semanal em www.dasartes.com.br e saiba das melhores exposições e notícias da arte.